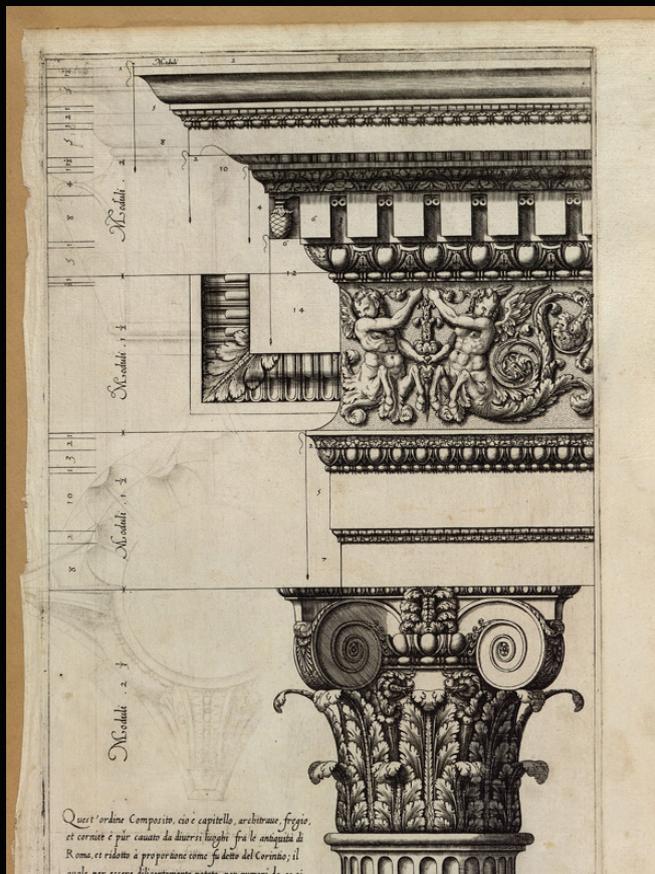


Colóquio Internacional

Tratados de Arte: Leituras e Desdobramentos



São Paulo, 22 e 23 de Maio de 2019
das 10:00 às 17:30

Fundação Ema Klabin
Rua Portugal, 43
Jardim Europa - São Paulo



Comissão Organizadora:

Profa. Dra. Ana Paula Giardini Pedro

Profa. Dra. Angela Brandão

Prof. Dra. Maria Luiza de Souza Zanatta

Prof. Dra. Vania Cristina Cerri

Comissão Científica:

Profa. Dra. Angela Brandão

Prof. Dr. Cássio da Silva Fernandes

Prof. Dr. Francesco Furlan

Prof. Dr. Mário Henrique Simão D'Agostino

Desenvolvimento material gráfico:

Lívia Silva

Tadeu Costa



Apoio:

Fundação Ema Klabin
FAPESP

Organização:

Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia
Universidade Católica de Campinas
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
Société Internationale Leon Battista Alberti-S.I.L.B.A.
Association Internationale Artes Renascentes.

Quarta-Feira

22 de maio

10^h15: Abertura Oficial do Evento

- PROF. DR. JOSÉ DA COSTA GRILLO (EFLCH – UNIFESP).

MESA 1:

O Tratado vitruviano: interpretações renascentistas e posteriores, a partir da obra de Leon Battista Alberti.

Mediador: Prof. Dr. JOUBERT JOSÉ LANCHETA (IAU - USP-SÃO CARLOS).

10^h45:

Conferência de Abertura – Homo ad circulum e ad quadratum: uma questão em aberto

- PROF. DR. MÁRIO HENRIQUE SIMÃO D AGOSTINO (FAU -USP).

11^h15:

Beleza e ornamento na arte edificatória. A recepção dos preceitos albertianos num tratado espanhol de arquitetura.

- PROFA. DRA. ANDREA BUCHIDID LOEWEN (FAU - USP).

11^h45: Debate.

12^h15: Almoço.

MESA 2:

Tratados de Arquitetura: fontes para contratação, construção e exaltação das obras.

Mediadora: PROFA. DRA. ANDREA BUCHIDID LOEWEN (FAU - USP).

14^h00: **A symmetria vitruviana: interpretação de Francesco di Giordio Martini em seu tratado e obras construídas.** PROFA. DRA. ANA PAULA GIARDINI PEDRO (FAU – PUC CAMPINAS).

14^h30: **Videoconferência: Arquitetura e Romance em Antonio di Pietro Averlino.** PROF. DR. VÍTOR MURTINHO (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra).

15^h00: Debate.

15^h20: Intervalo.

MESA 3:

AS DOCTRINAS E PRECEITOS NOS TRATADOS ILUSTRADOS DO SÉCULO XVI.

Mediadora: DRA. VANIA CRISTINA CERRI (IA – Unesp).

15^h40: **A profunda e duradoura influência nas Artes e na Arquitetura do Tratado das Ordens de Vignola.** DRA. MARIA LUIZA ZANATTA DE SOUZA (PNPD-Capes / EFLCH – UNIFESP).

16^h10: **Reunir com palavras e figuras. Os dois primeiros livros de Andrea Palladio.** PROF. DR. JOUBERT JOSÉ LANCHI (IAU – USP-SÃO CARLOS).

16^h40: Debate.

Quinta-Feira

23 de maio

MESA 1:

A contribuição dos tratados europeus para a Teoria e a Prática Artística em Portugal e suas colônias.

Mediadoras : DRA. MARIA LUIZA ZANATTA DE SOUZA
PNPD (EFLCH – UNIFESP).

PROFA. DRA. ANA PAULA GIARDINI PEDRO
(FAU – PUC CAMPINAS)

10^h15:

Um Vignola Português? Anotações a partir das Regras das Cinco Ordens de 1787.

PROFA. DRA. ANGELA BRANDÃO (EFLCH – UNIFESP).

10^h45:

O manifesto dos tratados de arquitetura em Vila Rica setecentista: o pórtico toscano do Palácio dos Governadores de José Fernandes Pinto Alpoim.

PROF. DR. MARCOS TOGNON (IFCH – UNICAMP).

11^h15:

Videoconferência:

Autoria e autoridade na produção discursiva de Hypnerotomachia Poliphili.

PROF. DR. MÁRIO KRÜGER
(Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra)

12^h00: Debate.

12^h30: Almoço.

MESA 2:

Dos Tratados aos novos gêneros literários e pensamentos nas Artes e Arquitetura do século XVIII francês.

Mediador : PROF. DR. MARCOS TOGNON (IFCH – UNICAMP).

14^h00:

O papel dos dicionários no corpus disciplinar da Arquitetura: o Dictionnaire historique d'architecture de Quatremère de Quincy

. PROFA. DRA. RENATA BAESSO PEREIRA (PÓS URB-AU – PUC CAMPINAS).

14^h30:

O Tratado do Belo de Denis Diderot (1752) e alguns dos seus desdobramentos nos relatórios dos Salons de 1763, 1765, 1767.

PROF. DR. FRÉDÉRIC RENÉ GUY PETITDEMANGE (ECA – USP).

15^h00: Debate.

15^h20: Intervalo.

MESA 3:

Tratados de Arte: preceitos e gêneros discursivos.

Mediadora : PROFA. DRA. ANGELA BRANDÃO (EFLCH – UNIFESP).

15^h40: **Do desenho e da pintura aos lumes coloridos na cena - Plínio, Alberti e Serlio. Ornato e amplificação do discurso sobre a Arquitetura a partir das qualificações: Dei lumi artifici delle scene.**

Dra. VANIA CERRI (IA – UNESP).

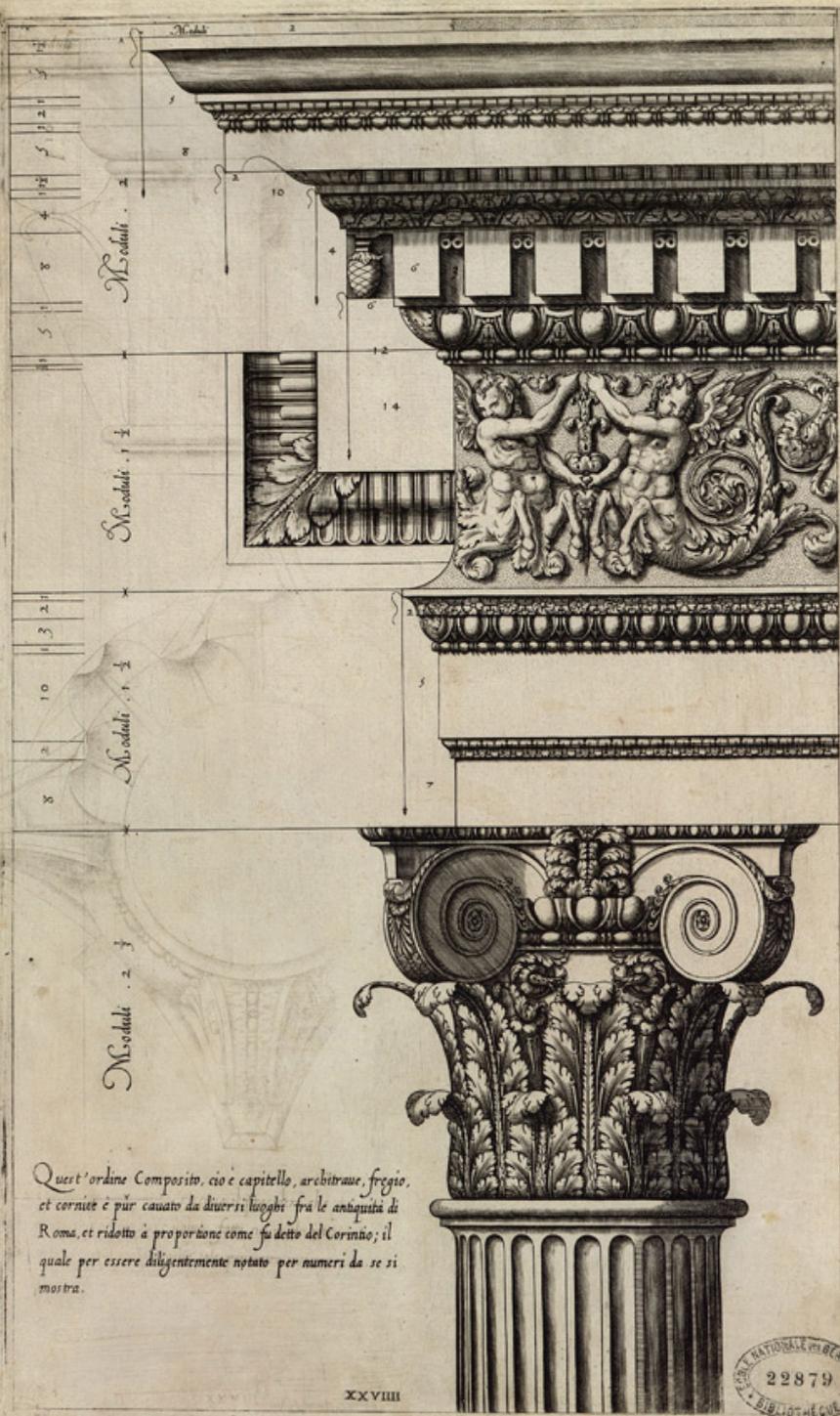
16^h10:

Conferência de Encerramento - A dimensão discursiva dos tratadistas.

PROF. DR. LÉON KOSOVITCH (FFLCH – USP).

16^h40: Debate.

17^h00: Encerramento.



Resumos

Mário Henrique Simão D'Agostino

Homo ad circulum e ad quadratum: uma questão em aberto.

A figura humana associada àquelas do círculo e do quadrado estão no cerne da formulação do conceito de *symmetria* vitruviana, um dos preceitos maiores do tratado *De Architectura*. Imbuído do sentido pitagórico-platônico, Vitrúvio articula *symmetria*, *analogía* (αναλογία), *commodulatio*, *proportio* e *ratio compositionis* a apresentar o fundamento da harmonia de um conjunto orgânico e a respectiva beleza: a justa correspondência das partes entre si e destas na totalidade da obra. Ideal de beleza - pautado pelos estudos aritmo-geométricos verificáveis no corpo humano - a consubstanciar a perfeição da *ordo universalis* ganha novo vigor a partir do século XV quando o tratado albertiano *De Re Aedificatoria* lança novos lumes ao texto antigo abrindo imensurável campo de interpretações que implicaram nas principais reflexões teóricas e práticas a partir de então.

MÁRIO HENRIQUE SIMÃO D'AGOSTINO:

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1985), mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1991) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1995). Atualmente é professor associado (livre-docente) da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Estética e História da Arquitetura e do Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: tratados de arquitetura, arquitetura clássica, perspectiva e arquitetura do renascimento.

Andrea Buchidid Loewen

Beleza e ornamento na arte edificatória. A recepção dos preceitos albertianos num tratado espanhol de arquitetura.

Entre 1545 e 1548, enquanto se encarregava da supervisão dos trabalhos do Comitê de Obras Reais estabelecido em Madri por seu pai, Carlos V, Filipe II da Espanha promove a redação de um tratado arquitetônico aplicável à prática nacional e baseado, em grande parte, no *De re aedificatoria* de Alberti. Este trabalho analisa como o autor do manuscrito assimila os preceitos albertianos, em particular aqueles concernentes às noções de «beleza» e «ornamento», tendo em vista as reais intenções de embelezar a ainda modesta Madri para transformá-la na capital dos reinos de Castela e Aragão, a partir de 1561.

ANDREA BUCHIDID LOEWEN:

Professora do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP. Vice-presidente da Comissão de Pesquisa da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (CPq-FAU), de agosto de 2014 a agosto de 2016. Arquiteta e urbanista graduada pela FAU/PUC-Campinas (1993), mestre em Urbanismo pela FAU/PU-Campinas (1999) e doutora em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo pela FAU-USP (2007). Membro do corpo editorial das revistas «Albertiana» (Société Internationale Leon Battista Alberti-S.I.L.B.A.-Paris) e «Hvmanistica» (Société Internationale Leon Battista Alberti-S.I.L.B.A.-Paris) e do Comitê de Direção da «Association Internationale Artes Renascentes» (C.N.R.S.-Paris).

Autora de ensaios e artigos sobre a arquitetura do Renascimento e a tratadística clássica e do livro «*Lux pulchritudinis*: sobre beleza e ornamento em Leon Battista Alberti» (Annablume/Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013). Organizadora do livro «Preceptivas Arquitetônicas» (Annablume, 2015), com Ricardo Marques de Azevedo e Mário Henrique Simão D'Agostino

Ana Paula Giardini Pedro

A symmetria vitruviana: interpretação de Francesco di Giordio Martini em seu tratado e obras construídas.

Francesco di Giorgio Martini, como outros tratadistas de arquitetura no renascimento italiano, reconhece na geometria do *homo bene figuratus* vitruviano um norte para a concepção dos edifícios sacros, e, mais além, os privados. O conúbio com o corpo humano é reforçado por procedimento – equivalente ao adotado por ele para descrição das colunas – em que a figura antrópica é sobreposta aos desenhos arquitetônicos. Para ideação de tais edifícios, Francesco di Giorgio partia de esquemas geométricos compostos por quadrados e círculos que o amparavam na definição de todas as dimensões e asseguravam a consecução da coesão tal como ajusta *symmetria* verificável no *homo ad circulum e ad quadratum*.

Nessa comunicação se propõe investigar possíveis ecos que as prescrições dos *Trattati* martinianos encontram em suas obras construídas em Urbino, sob o Duque Federico da Montefeltro, bem como nos estudos leonardescos do *Manuscrito B* para igrejas de planta central. Destacando que, longe da repetição estereotípica, este esquema de proporcionamento geométrico do edifício assegura uma universalidade que provê módulos vários de proporcionalidade e amparam a engenhosa ideação de uma multitude incontável de soluções para as plantas e elevações, enfim para o corpo de qualquer obra.

ANA PAULA GIARDINI PEDRO:

Arquiteta e Urbanista formada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2003). Doutora em Projeto Espaço e Cultura pela FAU USP (2011). Professora na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Integradora Acadêmica das Faculdades de Arquitetura e Urbanismo e de Geografia na mesma instituição. É autora do livro: *A Ideia de Ordem: Symmetria e Decor* nos tratados de Filarete, Francesco di Giorgio e Cesare Cesariano. EDUSP (2014), com apoio financeiro da FAPESP. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História da Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: Tratados de arquitetura do Renascimento italiano, Vitruvius, Alberti, Filarete, Francesco di Giorgio e Cesare Cesariano. Membro da «Association Internationale Artes Renascentes».

Vitor Murtinho

Arquitetura e Romance em Antonio di Pietro Averlino.

Antonio Averlino, conhecido sobretudo pelo cognome de *il Filarete*, é ainda hoje uma figura algo enigmática do Renascimento italiano. Assumindo-se sobretudo como arquiteto, mas também com trabalho reconhecido, pelo menos, ao nível da escultura, tem-se tornado gradualmente uma figura incontornável ao nível da teoria e história da arquitetura. Praticamente ignorado até ao final do século XIX, com apenas algumas referências muito esporádicas, a partir dessa data e após a publicação do seu texto sobre arquitetura, este artista italiano passou a tornar-se uma referência recorrente em termos de prática e de teoria da arquitetura. No entanto, o seu único texto conhecido, denominado *Trattato di Architettura*, corresponde mais a uma publicação que se apresentando dividido por vinte e cinco livros e indiciando uma estrutura que se poderia aproximar a uma reflexão sobre a arte da edificação, corresponde sobretudo a uma efabulação, com referências factuais, sobre uma cidade denominada *Sforzinda*. Na prática, o tratado filaretiano move-se algures entre a narrativa histórica e o romance, pretendendo de permeio abordar e fazer síntese de inúmeras questões pertinentes para o exercício da arquitetura. Nesse sentido, procura-se dentro do universo já sinteticamente referido, perceber e discutir de que modo – e dada a proximidade do *De re aedificatoria* de Leon Battista Alberti – o *Trattato di Architettura* corresponde a um verdadeiro texto sobre a arte de edificar ou se se trata de um romance que tem como pretexto a sublimação de um ducado, de uma governança, tendo como líder Francesco Sforza.

VITOR MURTINHO :

Vitor Manuel Bairrada Murtinho (Ansião, 1964). Arquiteto pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa desde 1988, tendo a sua obra publicada em diversas revistas da especialidade. Doutoramento em Arquitetura pela Universidade de Coimbra (2002). Exerce funções docentes desde 1988 na Universidade de Coimbra, sendo Professor Associado no seu Departamento de Arquitetura. Tem interesses de investigação em áreas como Teoria e História da Arquitetura, Geometria e Construção. Possui múltiplas publicações de índole científica, sendo investigador do CES desde 2007. Foi Presidente da Comissão Executiva e da Comissão Científica do Departamento de Arquitectura da FCTUC desde novembro de 2004 até novembro de 2006. Foi Vice-Presidente do Conselho Diretivo da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra desde fevereiro de 2002 até novembro de 2009. Foi Subdiretor da Faculdade de Ciências e tecnologia da Universidade de Coimbra desde novembro de 2009 até fevereiro de 2011. Atualmente é Vice-reitor da Universidade de Coimbra, função que exerce desde março de 2011.

Maria Luiza Zanatta de Souza

A profunda e duradoura influência nas Artes e na Arquitetura do Tratado das Ordens de Iacopo Barozzi da Vignola (1562).

Tendo recebido entre os séculos XVI e XX mais de 250 edições, o tratado *Regola delli cinque ordine d'architettura* de Vignola é considerado um dos manuais de arquitetura de maior alcance de todos os tempos. Iacopo Barozzi da Vignola (1507-1573) redigiu este tratado após ter passado por uma etapa de levantamentos e estudos dos antigos monumentos romanos e ter acompanhado leituras e discussões teórico-artísticas promovidas na *Accademia della Virtú* (c.1542) em Roma, sobretudo o *De Architettura* de Vitrúvio (I séc. a. C.). Assim como fizeram Serlio e Philandrie, que partiram do estudo dos antigos edifícios para composição de seus tratados, da mesma forma, Vignola deu sua contribuição pessoal à teoria das ordens. Diferenciando-se de seus precursores pelo texto sucinto repleto de imagens, como pode ser observado nas variadas edições encontradas no acervo da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (FBN), talvez esta seja uma das razões para a profunda e duradoura influência da obra na prática das Artes e da Arquitetura.

MARIA LUIZA ZANATTA DE SOUZA:

Arquiteta e Urbanista formada pela Universidade Católica de Santos (1992). Mestre em História e Teoria da Arquitetura e do Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (2006) com ênfase na área de História da Arquitetura do Renascimento na Itália. Doutora pela mesma instituição, com pesquisa e estudo sobre a difusão do modelo italiano na Península Ibérica através da formulação de tratados artísticos, a partir do século XVI, em especial, Diego de Sagredo e Francisco de Holanda. Participou de grupo de pesquisa sobre o Estudo das Tradições Clássicas - UNICAMP (2001-2005) e do Projeto Temático Plus Ultra - a Recepção e a Transferência da Tradição Artística Clássica entre a Europa Mediterrânea e a América Latina FAU USP (2008-2012). Em 2014 iniciou estágio de Pós-doutorado (com bolsa CAPES) com dedicação exclusiva junto ao programa de Pós-graduação em História da Arte pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP (Guarulhos) onde desenvolve pesquisa sobre Tratados de Arte e Arquitetura pertencentes ao acervo de obras raras do Centro de documentação do MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Atualmente desempenha atividades como professora-colaboradora eventual ou titular em disciplinas do curso de graduação e do mestrado em História da Arte da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP. Participa de Grupo de Pesquisa - Estudo da Tradição Clássica cadastrado no CNPQ desde 2014 e colabora com a professora Dra. Angela Brandão na coordenação de atividades do grupo de Estudos Tratados de Arte. Em 2017 associou-se a S.I.L.B.A (SOCIÉTÉ INTERNATIONALE LEON BATTISTA ALBERTI).

Joubert José Lancha

Reunir com palavras e figuras. Os dois primeiros livros de Andrea Palladio.

Um edifício retém dentro de si, uma certa quantidade de desenhos que se assemelham a um tesouro escondido. Esse tesouro feito de certezas, mas sobretudo de dúvidas nos indica caminhos outros, não percorridos ou abandonados e nos sugere alternativas de pesquisa, comentário ou mesmo de abertura para novas proposições. De outro lado o texto que sobre a obra de arquitetura é realizado, seja pelo autor ou por aqueles que a comentam ou interpretam, pode trazer essa mesma tensão presente nos desenhos iniciais. Assim, também no texto escrito, possa “haver algo como um segredo ou uma riqueza” escondidos, como enuncia Foucault em *A ordem do discurso*. Esses processos que se acumulam, “vegetação luxuriante” que gira entorno da forma pode estar presente na obra original manifestando um aspecto substantivo de sua “vida imortal”, como estabelece Focillon em *Vita delle Forme*.

Concentrando esforço interpretativo ao confronto entre texto e desenho no interior do primeiro e segundo livro do tratado e mais especificamente nas vilas apresentadas por Palladio nos capítulos XIV e XV, serão perquiridos vínculos entre a didascália e o desenho para assim, fazer emergir o valor que historicamente as pranchas desses edifícios tiveram para na difusão e constituição do Palladianismo. Desenho de vila e didascália apresentam um Palladio que certamente é diverso daquele da obra edificada, um Palladio que através do livro se repropõe, é lido e difundido para muito além do dialeto veneto.

JOUBERT JOSÉ LANCHÁ:

Professor Assoc. Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - IAU-USP, São Carlos, Brasil; integra a Área de Concentração Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo. Pesquisador CNPq Bolsista Produtividade PQ 2. Membro fundador do (N.ELAC - IAU.USP) Núcleo de Apoio à Pesquisa - Estudos de linguagem em arquitetura e cidade. Gestão institucional: Vice-Diretor do (IAU-USP) Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP (2016-2020) e Membro da Comissão de Pós-Graduação do PPGEAU - IAU-USP (2018-2020) e presidente da Comissão de Pesquisa (2013-2015). Parecerista ad hoc da FAPESP e CNPq. Membro do Conselho Editorial da Revista Risco - Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo-USP. Formação: Pós Doutorado em 2014 realizado junto ao Politécnico de Milão, orientado pelo prof. Dr. Daniele Vitale com Bolsa Pesquisa Fapesp o trabalho foi intitulado: Os desenhos nos “quatro livros” de Andrea Palladio; Livre Docência em 2008 com o título: “Os textos de Palladio”; Doutorado em 1999 junto à FAU-USP com a orientação da profa. Lucrécia D’Aléssio Ferrara. Mestrado finalizado em 1993 e desenvolvido no Programa de Pós Graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo tendo o prof. Marcos Sampaio como orientador. Arquiteto e Urbanista pela FAU/PUC-Campinas 1985. Junto ao N.ELAC - IAU.USP desenvolveu pesquisas em parceria com a Universidade do Porto-Portugal e mais recentemente com o Politécnico di Milano. Professor convidado do Politécnico di Milano no Dipartimento di Architettura e Studi Urbani (2014/2015). Parcerias que resultam no intercambio de docentes que participam de nossas pesquisas mas também das atividades didáticas junto à Graduação e Pós Graduação de nosso Instituto. Autor de artigos e ensaios sobre arquitetura e a questão do desenho. Da tese de Livre

Docência teve como resultado direto a coordenação da primeira tradução para o português do tratado de Andrea Palladio de 1570: Os Quatro Livros de Arquitetura de Andrea Palladio - São Paulo, Hucitec 2009 e a curadoria e organização de uma sala especial internacional, dedicada às vilas de Andrea Palladio para a VII Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. Tem experiência na área de Projeto e História da Arquitetura e do Urbanismo, com ênfase na questão dos meios de representação e das metodologias projetuais; trabalhando principalmente com os seguintes temas: tratados de arquitetura; arquitetura de Andrea Palladio; metodologias projetuais e desenho de arquitetura. Indicadores bibliométricos: Academia.edu; Researcher ID; Research Gate; Google Scholar; ORCID: 0000-0002-1690-6857.

Angela Brandão

Um Vignola Português? Anotações a partir das Regras das Cinco Ordens de 1787.

As *Regras das Cinco Ordens de Arquitetura*, de Vignola, publicado 1562, obteve um enorme sucesso editorial, segundo Schlosser, suplantando a fama de Serlio já na primeira metade do século XVII e superando, em muito, os grandes tratados de arquitetura de Palladio e Scamozzi. Isso se devera, possivelmente, a sua forma sóbria e acessível, cujo uso foi recomendado nas escolas, como livro didático, pelo qual foi infinitas vezes reeditado e traduzido em diversas línguas. Schlosser considerou, ainda, ter havido o que chamou de “absorção ingênua de Vignola”, a partir do século XVII, como um catecismo, especialmente entre os artesãos. O século XVIII assistiu, no entanto, um interesse renovado pela Antiguidade, suas medidas exatas e o conhecimento preciso de seus elementos emblemáticos, como as colunas e “ordens clássicas”, que haviam, de resto, adquirido uma validade atemporal, segundo Rykwert.

Em meio às publicações do século XVIII, que atualizavam e facilitavam a leitura dos tratados de arquitetura e a didática das “ordens”, caberia observar o livro *Regras das Cinco Ordens da Architectura segundo os princípios de Vignola com um ensaio sobre as mesmas ordens feito sobre o sentimento dos mais célebres Architectos escriptas en Francez por ***e expostas em Portuquez por J.C.M.A. (...) enriquecida com 88 estampas abertas em cobre*. Sem revelar o autor do livro em francês, a edição de tais *Regras* parece tratar de tradução do livro citado no prefácio: *Règles des Cinq Ordres d'Architecture de Jacques Barozzio de Vignole. Nouveau Livre. On y joint un essai sur les mêmes Ordres, suivant le sentiment des plus Célèbres Architectes. Le tout enrichi de Vignettes et Cartels; dessinés et Gravés par Babel*, publicado em Paris por Jacques Cherreau, em 1747. Esta comunicação pretende, a partir da publicação adaptada de Vignola, de Coimbra, tecer algumas reflexões a respeito das edições Setecentistas do tratado italiano.

ANGELA BRANDÃO:

Formada em História pela Universidade Federal do Paraná; com especialização em Arte e Cultura Barroca pela Universidade Federal de Ouro Preto; mestrado em História da Arte e da Cultura pela Universidade Estadual de Campinas e doutorado em História da Arte - Historiografia, Metodologia e Conservação de Patrimônio pela Universidade de Granada, Espanha; atualmente é professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo e membro do Comitê Brasileiro de História da Arte.

Marcos Tognon

O manifesto dos tratados de arquitetura em Vila Rica setecentista: o pórtico toscano do Palácio dos Governadores de José Fernandes Pinto Alpoim.

Com a atuação decisiva de Gomes Freire de Andrade (1685-1763), futuro Conde de Bobadela, no governo de Minas Gerais a partir de 1735, iniciou-se uma fase inédita na principal cidade dos descobrimentos auríferos, Vila Rica, com a promoção de várias obras edilícias, confirmando valores de densa urbanidade que já tinham sido profetizados nas festas do “Triunfo Eucarístico” (1733) comentado por Mário de Andrade.

Entre essas iniciativas estava aquela de construir a sede definitiva do Governo provincial, com todos os cuidados necessários de uma tipologia fortificada, e, com a eloquência monumental para representar o Estado joanino. Para essa obra foi convocado o engenheiro militar português José Fernandes Pinto Alpoim (1700-1765), já a serviço de Gomes Freire desde 1738 no Rio de Janeiro, que fez o risco, apresentou memorial de contratação de obras e instituiu, de modo inédito no contexto mineiro, a linguagem clássica dos tratados europeus de Arquitetura, na principal entrada da grande mole que hoje ocupa a região setentrional da Praça Tiradentes. Assim, o objetivo desta comunicação é apresentar os aspectos conceituais e projetuais do Palácio dos Governadores, na atual cidade de Ouro Preto, destacando o emprego de referências dos tratados de arquitetura por Alpoim, em 1743.

MARCOS TOGNON:

É professor de História da Arte do Departamento de História (IFCH-UNICAMP); é coordenador dos grupos de pesquisa I.P.R. (Inovação e pesquisa para o Restauro) e Ornamenta (Estudos Avançados de Arte Sacra); criou e promove a Escola do Patrimônio, projeto de extensão universitária para o aprimoramento profissional e cultural na área dos Bens Culturais Brasileiros, em parceria com órgãos públicos de preservação, entidades sociais acadêmicas (Limeira, Mococa, Indaiatuba, Itu, Ouro Preto, Salvador).

Mário Krüger

*Autoria e autoridade na produção discursiva
de Hypnerotomachia Poliphili.*

O *Hypnerotomachia Poliphili* é considerado um dos incunábulos mais belos e únicos do Renascimento. Constitui um marco na história do design gráfico pelo arranjo tipográfico elaborado por Aldo Manúcio (1450-1515), bem como pela narrativa gráfica e textual criada tanto por um ilustrador como por um autor que, ainda hoje, não são inteiramente conhecidos ou aceites.

Esta comunicação analisa a produção discursiva dos para-textos que acompanham esta obra e sugere que os mesmos indicam que a autoria textual daquele incunábulo se deve ao jovem Leon Battista Alberti.

MÁRIO KRÜGER:

Professor Catedrático Aposentado do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Com vários livros impressos e inúmeros artigos em revistas nacionais e internacionais, bem como de comunicações em congressos e encontros científicos, publicou a obra *Comentários à Arte Edificatória* de Leon Battista Alberti, foi co-responsável em 2011 pela edição, em língua portuguesa, do *De re aedificatoria* e editou, em 2015, a obra *Na Génese das Racionalidades Modernas II - Em torno de Alberti e do Humanismo*. Foi coordenador do projeto de investigação Alberti Digital, financiado pela FCT, que teve por objetivo traçar, em ambiente computacional e pela construção de uma gramática generativa da forma, a influência daquele tratado na herança disciplinar da Arquitetura Clássica em Portugal.

Frédéric René Guy Petitedemange

O Tratado do Belo de Denis Diderot (1752) e alguns dos seus desdobramentos nos relatórios dos Salons de 1763, 1765, 1767.

O título dessa comunicação menciona e busca aproximar dois gêneros literários, aquele do “tratado” e aquele da “crítica de arte”, praticados (entre outros), por Denis Diderot, filósofo incansável e “*touche à tout*”. Principal organizador da *Encyclopédie*, Diderot escreve sobre a Estética e Arte pela primeira vez por volta de 1751, quando começa *O Tratado do Belo* ou as *Indagações sobre as origens e a natureza do Belo*.

Os relatórios dos *Salons* de pintura e de escultura constituem outra atividade regular que ocupa o filósofo entre 1759 e 1781. Diderot descreve e comenta ao seu amigo e o filósofo Grimm - de *La Correspondance littéraire, philosophique et critique* - as obras da famosa exposição parisiense. Interessado em entender o que acontece nos *Salons* e em compartilhar as suas reflexões e experiências estéticas, adota o gênero da correspondência, que simula abrir aos leitores cartas privadas, reservadas ao amigo. Na vocação iluminista de democratizar a filosofia, a navegação nos gêneros literários é uma ferramenta amadurecida desde *Lettres persannes* de Monstequieu. Para alcançar um maior número de leitores, Diderot se vale da tarefa dos relatórios dos *Salons*, inventando um caminho novo para falar da arte e da sua apreciação. Discutindo a questão do “discernimento das qualidades e dos defeitos nas obras artísticas”, Diderot integra o debate estético do século XVIII pelo questionamento do Gosto. Inventa assim um novo gênero literário: A crítica de arte. Já o texto os *Ensaaios sobre a pintura*, outro gênero literário que complementa o *Salon* de 1765, organiza as experiências dos *Salons* com o recuo teórico, tornando-se um dos textos de referência sobre a pintura.

Essa comunicação tem a finalidade de contribuir para o esclarecimento da ideia da arte da pintura do filósofo Diderot destacando no tempo e

nos gêneros literários empregados, momentos da formação do pensamento de Diderot. Num primeiro tempo, busca-se examinar as grandes linhas e em particular a teoria das relações, defendida por Diderot no tratado do Belo. Num segundo momento, tratar dos relatórios dos *Salons*, nos quais Diderot enriquece e afina o seu discurso com a experiência “in situ” que ocorre nas exposições, com projeções das obras expostas nos *Salons* e comentadas por Diderot (Chardin, Greuze, Van Loo, Vien, Boucher). Para concluir, será avaliada a importância dos questionamentos de Diderot nas reflexões sobre a arte nos “Ensaio sobre a pintura” e na crítica de arte francesa.

FRÉDÉRIC RENÉ GUY PETITDEMANGE:

Possui graduação em HISTOIRE DE L'ART ET ARCHÉOLOGIE - Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne) (1991), mestrado em História da arte e arqueologia - Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne) (1992) e doutorado em história da arte e arqueologia - Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne) (1993). Mestrado em Filosofia na USP (2008), Doutorado em filosofia (Estética) na USP (2015). Atuando principalmente nos seguintes temas: história da arte, estética, crítica de arte filosofia, história da arquitetura e do urbanismo, teoria da arquitetura, história do design, História das práticas, das técnicas e das tecnologias.

Renata Baesso Pereira

O papel dos dicionários no corpus disciplinar da Arquitetura: o Dictionnaire historique d'architecture de Quatremère de Quincy.

O estudo do *corpus* disciplinar da Arquitetura deve se dedicar a obras de naturezas distintas: tratados, compêndios, coletâneas, paralelos, cursos e também dicionários. Na história da teoria da Arquitetura, os primeiros dicionários, mais recentes que os tratados, apresentam definições limitadas de alguns termos relacionados à prática desta arte, enquanto os ulteriores aportam precisão às questões técnicas e erudição às matérias históricas e teóricas. Estes trabalhos são verdadeiras enciclopédias, nas quais cada artigo constitui um ensaio em interesses etimológicos, teóricos, históricos e práticos.

Em 1788, o escultor e *homme des lettres*, Quatremère de Quincy (Paris, 1755-1849), que então se afirmava nos círculos eruditos de debates sobre a Arte na França, foi comissionado para elaborar o *Dictionnaire d'Architecture* inscrito na *Encyclopédie Méthodique* do editor Panckoucke. A obra original foi publicada em três tomos (Tomo.1 em 1788, Tomo 2 em dois volumes: vol.1 em 1801, vol.2 em 1820 e Tomo 3 em 1825) e em 1832 Quatremère de Quincy redistribuiu e condensou a primeira versão do dicionário em dois volumes no *Dictionnaire historique d'architecture, comprenant dans son plan les notions historiques, descriptives, archéologiques, biographiques, théoriques, didactiques et pratiques de cet art.*

A proposta da comunicação procura situar o *Dictionnaire d'Architecture* de Quatremère de Quincy no âmbito da tradição francesa dos dicionários e enciclopédias e averiguar os seus vínculos com os debates vigentes, no final do século XVIII, tais como: a origem da Arquitetura, o estabelecimento de um campo disciplinar próprio e o delineamento de preceptivas que definem o papel das convenções e da tradição frente ao gênio e a invenção.

RENATA BAESSO PEREIRA :

Possui graduação pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (1994), mestrado em Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP (2000) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo, na área de concentração de História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2008). Atualmente é Professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - SP, Membro do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (POSURB-ARQ PUC - Campinas, desde 2012) e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU PUC Campinas, desde 2008). Membro do grupo de pesquisa “História das Cidades: Ocupação Territorial e Ideários Urbanos” do Centro de Ciências Exatas, Ambientais e Tecnológicas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (CEATEC - PUC Campinas).

Vania Cristina Cerri

Do desenho e da pintura aos lumes coloridos na cena - Plínio, Alberti e Serlio. Ornato e amplificação do discurso sobre a Arquitetura a partir das qualificações: Dei lumi artificiali delle scene.

A presente comunicação terá como escopo discorrer acerca do texto *Dei Lumi artificiali delle Scene*, que finaliza o livro segundo do “Tratado sobre as cenas”, pertencente ao *Da Arquitetura e Perspectiva*, composto no primeiro meado do século XVI italiano, obra literária do preceptor, pintor e arquiteto Sebastiano Serlio, o qual trata de uma série de assuntos referentes à Arquitetura a partir da figura do pintor. No tratado serliano as cenas teatrais são prescritas como matéria própria a Arquitetura, pela proposição de um modo de *Architettura visiva*, fundamentada na pintura e perspectiva de relevo, aristotelicamente dirigida ao olho (*ópsis*), descrita no âmbito da *opera moderna*, onde o sentido da visão é um aliado da razão.

Na distinção das Artes, a prescrição do lume para o “*disegno visivo*”, tanto no discurso escrito como nas ilustrações, seguirá preceitos da pintura, para qual o *Da pintura* albertiano parece ser uma das fontes. No crescente da construção retórica discursiva, tal proposição é suplantada, quando se trata dos lumes da *scena*, ou seja, “luzes que se vêem”, obtidas pela iluminação do fogo que incidem sobre tintas coloridas, como formas de *ornatos* materiais que amplificam o relevo e dão a ver os volumes, operando assim em outra chave, cuja fonte será o *História Natural* de Plínio. Nos diferentes usos do termo lume em Serlio, pode-se ainda verificar qualificações similares as que presenciamos no “Paragone do Tratado da Pintura”, de Leonardo:

Cumprindo com a função retórica do *docere*, o discurso serliano ensina ao leitor, o artifício e a maneira de produzir os lumes das cenas, tendo como princípio a cena verossímil, o arquiteto deverá imitar as “obras da

natureza” e empregá-las com engenho a fim de multiplicar os efeitos de “surpresa” e maravilhamento do espectador. O engenho e a *téchne* serão os mais evidenciados na prescrição desta cena, cuja habilidade do arquiteto, o licencia para a imitação de elementos da natureza, superando (por emulação), em discurso encomiástico, as próprias coisas naturais.

VANIA CRISTINA CERRI:

É Pós-doutoranda no departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação - DACEFC - IA - UNESP-SP (início 2019). Doutora em Arquitetura (Teatral e Cênica) na área de História e Teoria da Arquitetura e Urbanismo pela FAU USP em 2011. Mestre em Filosofia, História e Estética da Arte pela FFLCH USP em 2003, tendo como objeto de estudos a Estética e a Arquitetura Teatral no Renascimento, com pesquisa e tradução comentada acerca da obra (Tratado sobre as cenas), do arquiteto italiano Sebastiano Serlio. Pós-graduada (*lato sensu*) em Arte Educação pela ECA USP em 1995. Graduada em Artes (Licenciatura Plena em Educação Artística/Desenho em 1990). É autora do livro: *Scaenae Frons - O Renascimento e as origens da cenografia moderna*. Annablume (2016), com apoio financeiro da FAPESP. Participou de projetos e grupos de estudos na FAU USP, sob coordenação dos professores doutores: Mário D’Agostino, Andrea Lowen e Ricardo Marques, junto dos quais é co-autora do livro: *Preceptivas Arquitetônicas*, Annablume (2015), e integrante do grupo de pesquisa da *Société Internationale Leon Battista Alberti (S.I.L.B.A.)*, Artes Renascentes, sob organização do prof. dr. Francesco Furlan, (Pré-

sident du Directoire de transition - Paris- França). Foi pesquisadora e orientadora do LABTRI - Laboratório de Tridimensionalidade da FAU USP, desenvolvendo pesquisa, orientação, organização e elaboração de modelos tridimensionais dos Teatros: vitruviano e serliano. É docente e pesquisadora no Ensino Superior desde 2002 nos cursos de graduação em Arquitetura e Design. Tem formação como cenógrafa e figurinista pelo Teatro Colón de Buenos Aires, pela ECA-USP e FAU-USP.

Léon Kossovitch

A dimensão discursiva dos tratadistas.

A presente comunicação intenta discorrer acerca dos tratados de Artes e os gêneros discursivos que os compõe a partir das retóricas antigas e as tratadísticas, abordando os seguintes itens: Vitruvius; As Artes discorridas por vários gêneros; Plínio o velho; Extensões históricas das tratadísticas antigas; Constantinopla e o que se fez na Europa Ocidental; Tratados de diversas Artes - Teófilo.

LÉON KOSSOVITCH:

É crítico de arte, filósofo e professor. Sua principal área de docência e pesquisa é a Estética. Graduado em Engenharia Civil (1965) pela Escola de Engenharia do Triângulo Mineiro (atual Universidade de Uberaba), trabalhou como engenheiro em diversas obras residenciais em São Paulo. Posteriormente, graduou-se em Filosofia (1969) na Universidade de São Paulo e, na mesma universidade, obteve os graus de mestre, em 1970 (com *Força e Retorno em Nietzsche*), e doutor, em 1982 (com a tese *Condillac – Lúcido e Translúcido*), sob a orientação de Marilena Chaui. Desde 1970 é professor do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Estética, atuando principalmente nos seguintes temas: Pintura, Artes plásticas, Arte, Estética e Filosofia.

